DITONGOS CRESCENTES E DECRESCENTES: A RELAÇÃO GRAFEMÁTICO-FONÉTICA

TÍTULO DO ARTIGO EM INGLÊS:
ESTÁ FALTANDO

Célia Marques Telles¹

Resumo: O Livro Velho do Tombo do Mosteiro de São Bento da Bahia traz o traslado de 91 documentos datados entre os séculos XVI, XVII e XVIII, que tratam de doações de terras feitas aos monges pelos habitantes da Cidade do Salvador. Para a edição semidiplomática desses documentos faz-se necessário compreender os aspectos relacionados ao nível gráfico do texto, particularmente se se consideram os seus diferentes scriptores. Para este trabalho selecionaram-se seis documentos: um do século XVI, dois do século XVII e três do século XVIII. Em relação ao aspecto gráfico dos ditongos, a análise permitiu avaliações de natureza grafemático-fonéticas. Acredita-se poder estabelecer os padrões gráficos para os 20 ditongos identificados, confirmando, desse modo, as relações grafemático-fonéticas.

Palavras-chave: Livro Velho do Tombo, Mosteiro de São Bento da Bahia, Análise grafemático-fonética, Ditongos.

Abstract: The Livro Velho do Tombo (Tombo Old Book) of the Saint Benedict Monastery in Bahia brings the transfers of 91 documents dated from the 16th, 17th. and the 18th centuries dealing with land or house donations made by dwellers of the City of Bahia. For the semidiplomatic edition of those documents it becomes necessary to understand the related aspects at the graphic level of the text, particularly if one considers the different scriptors which intervened in them. For the study presented herein two texts from the 16th century, three from the 17th century, and three from the 18th century were selected. As regards the graphic aspect of the diphthongs, the analysis allowed evaluations of a graphmatic-phonetic nature. It is expected that a graphic pattern will be determined for 20 identified diphthongs, thus confirming the graphmatic-phonetic relationship.

Keywords: Livro Velho do Tombo, Saint Benedict Monastery in Bahia, Graphmatic-phonetic evaluation, Diphthongs.

1 Professora da Universidade Federal da Bahia.

1 Introdução

O *Livro Velho do Tombo* do Mosteiro de São Bento da Bahia traz os traslados de noventa e um documentos datados dos séculos XVI, XVII e XVIII, relativos a doações ao Mosteiro de bens móveis (terras ou casas e sobrados), feitas por habitantes da Cidade da Bahia. Para a edição semi-diplomática desses documentos, com base numa lição conservadora, fez-se necessário compreender os aspectos relativos ao nível gráfico do texto, sobretudo se se consideram os diferentes *scriptores* que neles intervieram. No que tange à grafia dos ditongos, essa análise permitiu que se fizessem avaliações de caráter grafemático-fonético.

2 Os gramáticos quinhentistas

Entre as sete informações fornecidas pela *scripta* de um texto, destacadas por Roger Lass (1997, p. 45), três são relevantes para o estudo grafemático-fonético:

1. o aspecto fonético e outras espécies de evidência do sentido dos grafos nos textos antigos;
2. a implicação histórica do conservantismo dos sistemas de escrita face às mudanças;
3. o testemunho dos foneticistas e gramáticos pré-modernos.

A primeira delas possibilita a identificação dos *scriptores* e auxilia no desdobramento de abreviaturas ou na *interpretatio* para a resolução das formas gráficas corrompidas. A segunda, é a mais importante para compreender os indícios de mudança fonética que, na *scripta*, podem ser reflexos da fala do *scriptor*. A terceira e última leva ao conhecimento da teoria dos gramáticos e ortógrafos quinhentistas, na busca de compreender o funcionamento da língua portuguesa escrita nas duas primeiras centúrias do Brasil Colônia.

A partir desta última – considerando a descrição feita por Fernão de Oliveira para os fonemas (TELLES, 2008b) e a finalidade da *Ortografia* de Duarte Nunes do Leão – foram esses dois quinhentistas que fundamentaram a descrição que se tem feito do sistema de ditongos do português.

Lembre-se, de início, como Duarte Nunes do Leão justifica a sua *ortografia*:

E se ao Cardeal Bembo, [...], não lhe estranharam os seus escrever a *Gramática Toscana*, não me devem acoimar os meus a Portuguesa, de que

eles têm mais necessidade, mormente a Ortografia, que entre nós anda tão despravada, e estando eu para publicar a doutrina aos Notários, de que não é pequena parte o saber escrever (LEÃO, [1596[1983, p. 47).

A seguir, define *ortografia e voz*:

Ortografia é a ciência de bem escrever qualquer linguagem: porque por ela sabemos com que letras se hão-de escrever as palavras. E diz-se de *orthos* que quer dizer *direito*, e *grapho*, *escrevo*, como se disséssemos *ciência de diretamente escrever*. [...]. E a voz não é outra coisa, senão ãa percussão ou ferimento do ar que se pronuncia pela boca do animal, e se forma com artéria, língua e beiços. E da voz há duas maneiras, ãa articulada, e outra inarticulada ou confusa. Articulada se chama a que sendo ouvida, se entende e escreve: a qual também chamam declarada, e inteligível (LEÃO, [1596[1983, p. 49).

A propósito dos ditongos, entre os gramáticos quinhentistas, pode encontrar-se até definições muito precisas (TELLES, 2008a). Na *Ortografia da lingua portuguesa reduzida a Arte e preceitos*, Duarte Nunes do Leão (LEÃO, [1596], 1983) traz uma clara definição de *ditongo*:

Ditongo é um ajuntamento, ou concurso de duas vogais, quer guardam sua força em ãa só sílaba: e é palavra grega, que quer dizer *dobrado som*. E todas as línguas têm seus ditongos próprios, e algũas têm tritongos, que quer dizer, *ajuntamento de três vogais* em uma só sílaba, como se vê nestas palavras francesas, *veau, beau*²; e nestas castelhanas, *bueis, bueitre, vaias*. E estes ditongos se formam em cada língua de diferentes maneiras, e por diversos ajuntamentos de vogais (LEÃO, [1596] 1983, p. 87).

Fernão de Oliveira, no capítulo XIX da *Grammatica da lingoagem portuguesa* (OLIVEIRA, [1536] 1938) indica a existência de dezesseis ditongos na língua portuguesa quinhentista:

Os ditõgos ã eu achey antre nos portugueses são estes .ae. como tomae .ae. como pães .ao. como pao .ão. como pão .ay. como mãy .ey. como tomei .eo. como ceo .eo. como d's .eu. como meu .io. como fugio .oe. como soe .oi. como caracois .õe. como põe .oi. como boi .ou. como dou .ui. como fuy nos ães .a. grande e .a. pequeno e assi .e. grande e ω

2 Note-se que Duarte Nunes do Leão assinala a pronúncia do tritongo na língua francesa quinhentista: [εaw].

grande sempre se prepõe e todas as outras vezes se põe âtes e as vezes d'spois hũas das outras ãremos aq̃ repetir q̃nto e neçessaria esta letra ou sinal til pera os ditōgos porq̃ se em çidadão e escri / uão e outros desta voz e outras escreuemos .m. ou .n. no meyo dira vilamo ou vilano [...] (OLIVEIRA, [1536] 1938, p. 46-47).

Mais adiante Fernão de Oliveira descreve a constituição dos ditongos:

Duas syllabas de vogaes puras sem mestura ou anteposição de consoãte bẽ se podem cõtinoar: como fazia. ia. comia. Ainda q̃ nos pella mayor parte lhe metemos no meyo hũ .y. consoante como Mayo. seyo. saya. ayo. Mas não sempre: e se isto falta q̃ não metemos este .y. antrellas e as mais das vezes nass partes onde alghũa dellas .i. ou .u. como .duas. rua. Maria. E também .o. pequeno como .zamboa: e cõ tudo ainda aqui não sempre mas também .u. i. ou .o. se teverẽ despoys de si outra vogal tãbẽ soa antrelles muitas vezes este .y. consoãte como marroyo. tiyo. arguyo. tiya (OLIVEIRA, [1536] 1938, p. 50).

Ainda a propósito de ditongos, lemos em Fernão de Oliveira a expli-
cação para o uso dos grafemas <e>, <i>, <o> e <u>, com a descrição dos ditongos crescentes:

E outro tanto antre .i. e .e. pequeno como memoria ou memorea / gloria: ou gloreia. Ainda que eu diria que quando escreuemos .i. na penultima sempre ponhamos o acçento nessa penultima seguindose logo a vltima, sem antreposição de consoante / como / arauia / e se a tal penultima assi d' vogaes puras não teuer o acêto não na escreueremos cõ .i. se não cõ .e. como gloreia e memorea (OLIVEIRA, [1536] 1938, p. 44).

.i. e .u. letras vogaes também segundo mais ou menos consoantes de q̃ vierẽ acõpanhadas assi gastarão mais ou menos tempo: mas ellas em .si. sempre são de hũa mesma quantidade e ami parece q̃ sempre são grandes como ouuido. Escudo. E em lugar de .i. pequeno serue .e. peq̃no como memorea / hostea / necessario, reuerẽça: nas penultimas: das quaes partes e outras semelhantes eu nũca escreueria .i. senão .e. porq̃ eu tenho q̃ a penultima pura ou vltima q̃lq̃r q̃ se escreue cõ .i. sempre tem o açento da dição como .Maria. ouuir. e as q̃ nam tẽ esse açento da dição escreuense com .e. pequeno e não com .i. como já dissemos.

Outro tanto dizemos de .u. vogal como dissemos do .i. o qual .u. vogal sempre e grãde: como .gorgulho. arguyo: e em lugar de .u. pequeno escreuemos .o. pequeno como .argoyr continoar. onde se esteuera .u. poseramos o açento na penultima como concluyo (OLIVEIRA, [1536] 1938, p. 54).

Esses ditongos crescentes, [ya] (*memorea, hostea, necessareo, Maria, arauia*) e [wa] (*duas, rua, continoar*), ainda que descritos por Fernão de Oliveira, não o foram, entretanto, enumerados por ele, nem por Duarte Nunes do Leão.

Duarte Nunes do Leão ([1596] 1983) enumera dezesseis ditongos na língua portuguesa, comparando-os com o de outras línguas (grego, latim, castelhano):

Item, ãas nações têm mais ditongos, e outras menos. Porque os Gregos usam de doze, e os Latinos de seis, scilicet, ae, au, ei, eu, oe, oi, yi. Posto que antigamente tinham dez, dos quais se foram esquecendo quatro. Mas em nossa língua dezasseis ditongos: ãa, ãe, ai, ão, au, ãe, ei, eu, iy, ao, oi, õe, õo, ou, ui, ãu. Dos quais temos três comuns com os Latinos, scilicet, au, ei, eu. E outros três comuns com os castelhanos, scilicet, ai, oi, ui.

E dez são peculiares nossos, e não doutra algũa nação, scilicet, ãa, ãe, ãe, ãi, ão, õe, õo, ou, ãu³ (LEÃO, [1596] 1983, p. 87).

Esses dezesseis ditongos enumerados por Duarte Nunes do Leão não são os mesmos que se encontram em Fernão de Oliveira. Este, na realidade, traz apenas treze ditongos, porquanto:

- 1) “ay. como mãy” e .ae. como pães correspondem ao ditongo ãe de Duarte Nunes do Leão (*capitães, gaviães, alemães*);
- 2) “.eu. como meu” e “.eo. como d’s” equivalem ao ditongo eu de Nunes do Leão (*meu, teu, seu*);
- 3) “.oe. como soe” e “.oi. como caracois” são o ditongo [oi], não registrado por Duarte Nunes do Leão (*noite, coiro*).

Fernão de Oliveira traz três ditongos que não são arrolados por Duarte Nunes do Leão: “.eo. como ceo”, .io. como fugio” e “.oi. como boi”. Por sua vez, Duarte Nunes do Leão informa existirem seis ditongos que não se acham em Fernão de Oliveira: ãa, ãe, iy, ao, õo e ãu.

Cada um desses dezesseis ditongos é explicado por Duarte Nunes do Leão, sendo estranhas as descrições para ãa (exemplificado como *irman, romam, lam*), ãi (no plural de nomes terminados em *im*: *maisãis, rõiis, belegãis*), õo (como em *bõos, tõiis, sõiis, Dõiis*) e ãu (no plural dos nomes em *um*: *vacãus, atãus*). Desse modo, dos dezesseis ditongos da lista de Duarte Nunes do Leão restam apenas doze, dos quais somente dois, ãe e oa, não se acham em Fernão de Oliveira.

3 São arrolados apenas nove ditongos, tanto nessa edição de Leonor Carvalhão Buescu (LEÃO, [1596] 1983) como naquela do século XIX (LIÃO, [1596] 1864), faltando, em ambas, enumerar o ditongo oa.

Quanto ao ditongo [ãw], Duarte Nunes do Leão traz longas e claras explicações para o uso do quarto ditongo da sua relação, quer tônico, quer átono (LEÃO, [1596] 1983, p. 89-92). Mais simples e objetiva, entretanto, é a descrição de Pero de Magalhães de Gândavo ([1574], 1981):

E estes verbos et todos os mais no plural, quando falaren do passado que fizeram o accento na penultima se escreuerão com m, assicomo, alcançaram, louuaram, etc. E quando falarem do futuro que fizeram o accento na ultima, se escreuerão com ão, assicomo, alcançarão, louuarão, etc; Ou tambem se podem escreuer com m, quer falem do passado quer do por vir, distinguindo esta duuida com os mesmos accentos da maneira que acima digo (GÂNDAMO, [1574], 1981, p. 27).

A propósito desse ditongo, Rolf Nagel, em *Die Orthographieregeln des Pero de Magalhães de Gândavo*, em nota à f. 13v, fundamentado na grafia, afirma que a diferença entre as formas verbais da terceira pessoa do plural do *mais-que-perfeito do indicativo* (tempo passado) e do *futuro do presente* (tempo por vir) é clara:

Die Tempusdifferenzierung zwischen Plusquamperfekt und Futur ist klar. Die Praxis bietet auch nicht so grosse Schwierigkeiten in der jeweiligen 3. Pers. Sg. als vielmehr im Plural: dort lauten die Formen auf *-am* (Plsq.) und *-ão* (Fut.), wobei die Verwirrung entstehen kann, wenn letztere *-am* geschrieben wird. Es begegnet auch das Plsq. auf *-ão* (NAGEL, 1969, p. 132)⁴.

Em *Língua e funcionalidade em Fernão de Oliveira (1536)*, Eugenio Coseriu (1991) comenta muito pouco sobre os ditongos na *Gramática* de Oliveira, assinalando serem identificados “quase todos” pelo gramático quinhentista:

Finalmente, Oliveira identifica quase todos os ditongos orais e nasais do português e estabelece que, nos últimos, o til (isto é, a nasalidade) soa em ambas as letras vocálicas (COSERIU, 1991, p. 24).

Do exposto, os gramáticos quinhentistas registram a existência real de

4 Traduzindo: “A diferença de tempo entre o mais-que-perfeito e o futuro é clara. A prática oferece, entretanto, uma dificuldade não tão grande na correspondente 3. p. sg. Como no plural: aí soam as formas com *-am* (m.q.p.) e *-ão* (fut.), onde a confusão pode existir, quando esta última é escrita *-am*. Encontra-se também o m.q.p. com *-ão*.”

quinze ditongos: doze ditongos orais, [ay], [aw], [ey], [ɛw], [ew], [iw], [ɔi], [oy], [ow], [uy], [ya], [wa]; e três ditongos nasais, [ãy], [ãw], [õy].

O exame de textos quinhentistas (TELLES, 1988, v. 2, f. 9-11) permitiu que se confirmasse, nos roteiros de viagem, a existência, em sílaba tônica, de nove *ditongos orais decrescentes*: [ay], [aw], [ey], [ɛw], [ew], [iw], [oy], [ow], [uy]; de dois *ditongos orais crescentes*: [ya], [wa]; de três *ditongos nasais decrescentes*: [ãw], [ẽy] e [õy]; e de dois *ditongos nasais crescentes*: [wã] e [wẽ], ao todo, dezesseis ditongos.

3 A grafia dos ditongos no *Livro Velho do Tombo*

Para o estudo nos documentos do *Livro Velho do Tombo*, foram selecionados seis documentos, um do século XVI, dois do século XVII e três do século XVIII, como vai indicado na Figura 1:

Século	Data	Documento	Localização
XVI	1568	Sesmaria dada no anno de 1568 a Catherina Al(vare)z da terras de Vila Velha atheo Ribeiro, a qual deixou ad(it)a terra a este Conuento	38v-40r
XVII	1614	Trezlado authenticco da doaçam dos Recifes e salgado defronte de N(ossa) S(enho)ra da Conceição desta Cidade feita aeste Conv(en)to por Ch(ris)p(tou)am Affonço o qual a herdou deseus sogro Manuel Nunes Seitas a quem hauia feito merce o G(ouernad)or Manuel Telles Barreto o que consta da escritura atras neste L(ivr)o f(olha) 10 no fim	11v-12v
	1632	Escritura de uenda de humas cazas junta as portas de S(anta) Luzia ou S(aõ) Bento feita por Fran(cis)co de Lapenha a Matheus vaz Marsineyro	61v-63r
XVIII	1704	Doação que nos fes o Capp(it)am Bernardo Vi{ei}ra Rauasco da pertença que tinha na lingoa de terra honde ouue huã plataforma junto as Cazas que foram de Dom Luis Varion, e hoje são do Capp(it)am Ant(oni)o Lopes de Ilhoa	157r
	1704	Sesmaria d{e} seis legoaz da serra do Jurará	1r-3r
	1706	S(en)te)ença detransaução por termo dedizistenç{i}a de aução delibello assinado por Domingos de gouea eoDoutor MartinhoBarboza deArahujo eoReue{re}ndoDom Abbade desam Bento acujo rerquerimento Sepassou sobreP(arte) da terra de Gabriel Soares, aliás sobre as terras da Piedade	119r-131r

Fig. 1 – Seleção de documentos

(Fonte: Projeto *Edição diplomática do Livro Velho do Tombo do Mosteiro de São Bento da Bahia*)

A análise realizada teve como base o levantamento de 1661 palavras (sem as variações gráficas), nos seis textos examinados. A *scripta* desses documentos mostra vinte ditongos, crescentes ou decrescentes, orais ou nasais, com as seguintes relações grafemático-fonéticas:

a) para os ditongos orais decrescentes⁵:

[ay] aparece grafado <ai>, como em *Saibam, abaixo, Bairro, sinais, quintais, metaiz, oficiais, Judiciais, vniuersais*; <ae>, como em *cae, maes, reaes, signaes, Moraes, algodoes, pessoas*; <ay>, como em *Pay*; <aj>, como em *Paj, Vaj, major*; <a> para a monotongação condicionada por sibilante fricativa (*abaxo*)⁶.

[aw] vem grafado <au>, como em *authoridade, audiência, Cauzarem, laudemio, clauzula, CAUza, auto*; e <ao>, como em *Niculao, paos, ao*; mas também registram-se exemplos de <au> para <a>, como em *aução, autual, transaução, ausperas*⁷.

[ɛy] é sempre grafado <ei>, como em *reis, papeiz, feiz*. Registra-se a forma monotongada no prenome *Dorotea*.

[ey] está grafado <ei>, como em *satisfeito, dinheiro, Ribeiro, cabeceira, herdeiros, moueis, aproueitarem, direita mente, Meirinho, Conceçam, dareis, sitei, açhei, herdei, seiz, lei, hei*; <ey>, como em *Marsineyro, Mosteyro, ribeyro, terçeyro, Feuereyro, tirey, citey, tomey, torney, passey, Frey, Rey*; <ej>, como em *direjto, Rejno, Perejra, marsinejro, tornej, consertej, asinej, Rej, lej, sej*. Aparece monotongado em <e>, como em *aldeas, alhear, Correa, gouea, Nomeo*; registrando-se também o inverso. <ei> para <e> (*deis*)⁸.

[ɛw] vem sempre com a grafia <eo>, como em *Reo, seo*.

[ew] vem grafado <eu>, como em *eu, seu, meu, meteu, Abreu, Deus, apareseu, recebeu, pertenseu*; <eo>, como em *deo, seo, Deos, pareseo, recebeo, Vendeo, sobesCreueo, hereos, Moueo*;

5 De acordo com os critérios de edição, dentro de uma leitura conservadora (TELLES, 2009), mantem-se as minúsculas e as maiúsculas do documento; mantem-se separadas partes de uma mesma palavra; colocam-se entre colchetes { } as formas restauradas; usam-se parênteses () para o desdobramento das abreviaturas.

6 Registra-se, ainda, <ales>, provável *lapsus calami* (*Prouinciales*).

7 Podem, ainda, ser encontradas grafias contaminadas <aup>, como em *Bauptista*, em variação com <ap>, como em *Baptista*.

8 Isto é, a 2. p. sg. do pres. subj. de *dar*.

e, ainda, <ev⁹> como em *DEVS* ou *Devs*.

[oy] vem sempre grafado <oi>, como em *foi, oito, Bois, Bois de-Carro, depois, oitenta e nove, oito sentos, oitauo*. Documentam-se formas com <ou>, para os numerais, *outo, dezouto, outenta, outenta esinquo*.

[ow] aparece com as grafias <ou>, como em *pouzadas, outorgantes, Lourenço, outro sim, couza, logradouros, souza, deixou, apresentou, Comfesou, hipoticou, dous, sou, ou, dou*; com <o>, pode indicar a monotongação, como em *logradores, Coza, aprouer, prover*.

[uy] é geralmente grafado <ui> quando tônico, como em *mui, desfruitar, fui*, mas pode vir grafado <ue> em posição final átona, *constitue*.

b) para os ditongos nasais decrescentes:

[ãy] com as grafias <ãi>, como em *magalhães, Guimarães*; <aens>, como em *Tabaleaens* ou *Tabaleaenz*; ou sem a marca de nasalização <ai>, apenas registrado em *Maj*.

[ãw], quando tônico, é grafado <am>, como em *Tabaleam, escriuam, petiçam, conservaçam, procuraçam, liquidassam, lezam, Joam, Rezam, portam, daram, paixam, estam, nam, sam, tam*; <âm>, como em *poderâm, te{r}âm*; <ão>, como em *Tabalião, escriuão, trasaução, Certid{ã}o¹⁰, rezão, Aragão, chãos*; <aõ>, como em *administração, confrontação, ordenassaõ, demenuisaõ, presCripção, apreheñção, sertoã, acção, jrmaõs, quinhaõ, Leitaõ, naõ, maõ, chaõ, taõ*; <aoñs>, como em *hirmaoñs*; e sem a marca de nasalização <ao>, como em *execussao, Çitassao, taballiao, menção, rematacao, remisao, Irmaoz, sao*; se átono, tem as grafias <am>, como em *pareseram, dezaforam, outorgaram, asignaram, aseitaram, empidam, Confrontam, Christouam, posuhiam, posam, ficam, hajam, heram, gozam, sediam*; <âm>, como em *chamarâm, poderâm*; <ã>, como em *treslad{av}ã*; <ão>, como em *pertenção*; <aõ>, como em *sostentaõ, prossessaraõ, requeiraõ, defenderaõ, Equiuocaõ, acordaõ, tinhaõ, posaõ, foraõ, valiaõ, façaõ, haiaõ, deuaõ*; e sem a marca de nasalização <ao>, como em *apareserao, pagauao, estauao*.

9 Uso de <v ou V> por <u>.

10 Neste caso, o grafema <o> não traz qualquer vestígio do diacrítico.

- [ẽy] vem grafado geralmente , átono, como em *bemfeitorias*, *Bem aVenturado*, *aproueitem*, *apascentarem*, *conhesesem*, *concorresem*, *reuogarem*, *quizerem*, *viuerem*, *pasasem*, *creserem*, *ouuerem*, *Competem*, *logrem*, *gozem*, *Viuem*, *terem*, *ualem*; tônico, como em *contem*, *tambem*, *Conuem*, *sem*, *quem*, *nem*, *bem*, *em*, *tem*, *vem*; <eñ>, como em *beñz*, *hordeñs*, *Beñs feitorias*.
- [õys], sempre para o plural, é grafado <oens>, como em *cria{çoens}*, *declaracoens*, *condiçoens*, *obrigaçoens*, *confro ntaçoens*; <oenz>, como em *pregaçoenz*, *condiçoenz*, *obrigaçoenz*; <õenz>, como em *obrigaçõenz*; <oēs>, como em *ocupações*; <ões>, como em *au{ç}ões*; <oeñs>, como em *Comfrontaçoẽs*; <oiñs>, como em *procurassoĩs*, *possessoĩs*, *pertençoĩs*, *indesposisoĩs*, *dilaçoĩs*, *Inquirisoĩs*, *Inquietacoĩs*; <ons>, como em *licons*; <oes>, sem marca de nasalidade, como em *condições*. Observa-se que as grafias mais registradas são <oiñs> e <oens>.
- [ũy] na palavra *muito* é normalmente grafado <ui>, mas registra-se a forma com <un>, *muntos*.
- c) para os ditongos orais crescentes¹¹:
- [ya] vem geralmente grafado <ia>, tônico, como em *Luzia*, *quanthia*, *Capitania*, *sexmaria*, *emfantaria*, *reuellia*, *renunsia*, *chanselaria*, *Bahia*, *Maria*, *dias*, *hia*, *via*; átono, como em *necessarias*, *eThiopia*, *perÇia*, *dezistência*, *sirimônias*, *peremptoria*, *Misericordia*; <ya> apenas quando é tônico, *Bahya*. Registra-se a grafia <ia> para a ditongação condicionada por lateral palatal (<velia> [vɛlia] por [vɛla]).
- [yɛ], sempre átono, como em *propiedade*.
- [iw] é sempre grafado <io>, tônico, como em *senhorio*, *Gentio*, *proprio*, *demetio*, *instituhio*, *Deferio*; ou átono, como em *usofrutuario*, *Comércio*, *previllegio*, *Misterios*, *Principio*, *laudemio*, *proprietario*, *sitio*, *folio*, *Vicio*.
- [wa] aparece grafado com <ua>, como em {*resguardo*}, *quatro*, *guarda*, *continuas*, *quatorze*, *duas*, *rua*; <ao>, como em *agoas*, *legoaz*, *goardar*, *Paschoal*, *egoas*. Registra-se, ainda, a grafia <uo>, para o numeral *quorenta*, *quorenta ehum*.

11 Registra-se, no texto, uma forma de antropônimo em língua espanhola, com o ditongo [w]: *Vallensuela*.

d) para os ditongos nasais crescentes:

[wã] é sempre grafado <uan>, como em *quantos*, *porquanto*, *quantia*, *quando* sendo, ainda, registrada a grafia <o> para a monotongação de <wa>, *contia*.

[wẽ] grafado geralmente <oen>, no numeral *sinquoenta* ou *sincoenta*.

Do levantamento da amostragem, para os 1661 registros de formas com algum tipo de ditongo, foram levantados 1065 formas com ditongos orais decrescentes (64,11%), 407 exemplos de formas com ditongos nasais decrescentes (24,50%), ao lado de 181 formas com ditongos orais crescentes (10,89%) e de, apenas, 8 formas com ditongos nasais crescentes (0,49%), percentuais que correspondem à produtividade desses ditongos na língua portuguesa.

Esse mesmo levantamento possibilitou averiguar-se que a grafia do ditongo com maior incidência de registro é a de <ei> para o [ey], seguido daquela de <aõ> para o [ãw] e de <ou> para [ow].

4 Considerações finais

Da análise feita, observaram-se indícios de pronúncia e a seleção de uma forma em [ãy] para o plural de *tabaleaõ*, fatos demonstrados na transposição da fala para a escrita:

- a) a monotongação de ditongos decrescentes, condicionada pela sibilante fricativa: *abaxo*;
- b) a presença de formas que atestam o período anterior à ditongação: *aldea*, *Correa*, *gouea*, *alhear*;
- c) a ditongação condicionada pela lateral palatal: (<velia> [veɫia] por [veɫa]);
- d) a grafia da forma verbal da segunda pessoa do singular <deis> com ditongo, em lugar de <des>, documentando a variação livre [e] ~ [ey];
- e) a forma *Tabaleaõ* apresenta apenas a forma de plural em [ãy]: *Tabaliães* (com as variações gráficas, *Tabaleaens*, *Tabaleaenz*).

BIBLIOGRAFIA

COSERIU, Eugenio. *Língua e funcionalidade em Fernão de Oliveira (1536)*. Tradução Maria Christina de Motta Maia, cuidadosamente rev. pelo autor. Rio de Janeiro: Presença; EDUFF, 1991.

- GÂNDAVO, Pêro de Magalhães de. *Regras que ensinam a maneira de escrever e a ortografia da língua portuguesa*: com um diálogo que adiante se segue em defesa da mesma língua. Ed. facsimilar da 1. ed. Lisboa: Biblioteca Nacional, [1574] 1981. Introd. de Maria Leonor Carvalhão Buescu.
- LASS, Roger. *Historical linguistics and language change*. Cambridge: CUP, 1997.
- LEÃO, Duarte Nunes do. Ortografia da língua portuguesa reduzida a Arte e preceitos. In: _____. *Ortografia e origem da língua portuguesa*. Lisboa: Imprensa Nacional; Casa da Moeda, [1596] 1983. p. 43-183. Introd., notas e leitura de Maria Leonor Carvalhão Buescu.
- LIÃO, Dvarte Nvnnes do. Orthographia da lingoa portugvesa reduzida a arte, e preceptos. In: _____. *Origem e orthographia da lingoa portugueza*. Nova edição correcta, e emendada, conforme a de 1781. Lisboa: Typ. do Panorama, [1596] 1864. p. 96-218.
- NAGEL, Rolf. Die Orthographieregeln des Pêro de Magalhães de Gândavo. In: FLASCHE, Hans (org.). *Aufsätze zur portugiesischen Kulturgeschichte*. Münster Westfaslen: Aschendorfsche, 1969. v. 9, p. 110-1345.
- OLIVEIRA, Fernão de. *Grammatica da lingoagem portuguesa*. 3. ed. feita em harmonia com a primeira (1536) sob a dir. de Rodrigo de Sá Nogueira. Lisboa: José Fernandes Júnior, [1536] 1938. Estudo e glossário de Aníbal Ferreira Henriques.
- TELLES, Célia Marques. 2009. A Chamada *lição conservadora* na edição de textos. *Scripta Philologica*, Feira de Santana (BA), n. 5, p. 253-266.
- TELLES, Célia Marques. Encontros vocálicos: da Arte de Trovar aos gramáticos quinhentistas. In: CONGRESO INTERNACIONAL DE LA ASOCIACIÓN DE LINGÜÍSTICA Y FILOLOGÍA DE AMÉRICA LATINA (ALFAL), 15. Montevideo: ALFAL, 2008a. Comunicação apresentada no “Proyecto 19 – Fonología: Teoría y Análise”.
- TELLES, Célia Marques. Fernão de Oliveira entre os gramáticos quinhentistas: o estudo das vogais. *Estudos Lingüísticos e Literários*, Salvador, n. 37-38, p. 11-52, jan.-dez. 2008b.
- TELLES, Célia Marques. *Coleção de roteiros portugueses da “Carreira da Índia” no século XVI*: edição do manuscrito FP56 da BNP. Tese apresentada à Universidade de São Paulo, orientada por Edith Pimentel Pinto. São PAULO: USP, 1988. 3v.

Recebido em: 31/03/2013; Aceito em: 28/05/2013